



DOSSIÊ ESPECIAL

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS (CESP)

v.8, n.14, 2019

50 anos

*de produção e transmissão de
conhecimento: a tradição do IESP
UERJ por seus estudantes*

Marcelo Borel

Marcia Candido

Helio Cannone

Hellen Oliveira

Matheus Vitorino

ORGANIZADORES

EXPEDIENTE

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP

CADERNOS DE ESTUDOS SOCIAIS E POLÍTICOS

www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/CESP

COMITÊ EDITORIAL

Helio Cannone, IESP-UERJ

Hellen Oliveira, IESP-UERJ

Kayo Moura, IESP-UERJ

Marcelo Borel, IESP-UERJ

Marina Rute Pacheco, IESP-UERJ

Mariane Silva Reghim, IESP-UERJ

Matheus Vitorino, IESP-UERJ

Paulo Joaquim Da Silva Rodrigues, IESP-UERJ

Raul Nunes de Oliveira, IESP-UERJ

CAPA, LAYOUT E DIAGRAMAÇÃO

Marcelo Borel

Marcia Rangel Candido

Hellen Oliveira



SUMÁRIO

Apresentação

Marcelo Borel, Marcia Candido, Helio Cannone, Hellen Oliveira & Matheus Vitorino

4

Quinze Anos do Observatório Político Sul-Americano: a Integração Regional do Brasil a partir da Universidade

Marília Bernades Closs & Talita Tanscheit

11

Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina

(NETSAL): Histórico, Abordagens, Produções e Contestações

Raul Nunes & Simone Gomes

22

Quando a Universidade Tem Lugar no Debate Público: a Trajetória do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA)

Marcia Rangel Candido & Poema Eurístenes Portela

29

As Contribuições de Maria Regina Soares de Lima para a Ciência Política Brasileira

Marianna Albuquerque

43

Por Mais Sociedade no Estado: os Estudos de Renato Boschi sobre Movimentos Sociais na Redemocratização

Helio Cannone

51

Colocando o IUPERJ no Mapa dos Estudos de Mulheres, Gênero e Feminismo no Brasil: as Redes Intelectuais de Neuma Aguiar

Gabriela de Brito Caruso

59

A Sociologia de Carlos Hasenbalg e Nelson do Valle Silva

Wesley Luiz de Azevedo Dias & Wescrey Portes Pereira

68

A Via Jurídica para o Americanismo nos Trópicos: a Biografia de Werneck Vianna e a Construção do IUPERJ de uma Hipótese de Democratização à Brasileira Daniel Henrique da Mota Ferreira	76
César Guimarães: um Professor Matheus de Sá Moravia & Rafael Rezende	84
Sol na Cabeça e Correria Sob os Pés: Vida e Produção de Luiz Antonio Machado da Silva Clara Polycarpo & Hellen Oliveira	91
Polifonia na Independência: a Contribuição de Isabel Lustosa para o Pensamento Político Brasileiro Lidiane Vieira	101
Um Panorama dos 50 Anos de Pós-Graduação do IESP Através de Suas Ementas Paulo Henrique Paschoeto Cassimiro	109
Passado e Presente: a Análise da Política Externa Brasileira, Antes de Tudo Leonildes Nazar	119

**QUINZE ANOS DO OBSERVATÓRIO POLÍTICO SUL-AMERICANO:
A INTEGRAÇÃO REGIONAL DO BRASIL A PARTIR DA UNIVERSIDADE**

Fifteen years of the South American Policy Observatory: Brazil's Regional Integration from University

Marília Bernardes Closs¹

Talita Tanscheit²

¹ Doutoranda Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Pesquisadora do Observatório Político Sul-Americano (OPSA) e do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL), no qual é coordenadora ajunta. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: mariliacloss@gmail.com

² Doutoranda pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ), Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pesquisadora do Observatório Político Sul-Americano (OPSA). E-mail: talitastt@gmail.com

RESUMO

O Observatório Político Sul-Americano foi fundado em 2003 em uma conjuntura singular para a região e para o Brasil: a emergência de governos de esquerda e a conseqüente chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Após mais de uma década de disseminação de políticas econômicas neoliberais, a nova configuração política e ideológica não apenas pôs fim ao Consenso de Washington, mas também iniciou um virtuoso ciclo de cooperação e de integração para a redução das desigualdades socioeconômicas e da pobreza tão características da América do Sul. O ensaio realiza uma breve história do observatório, a sua fundação e o seu desenvolvimento, bem como a sua contribuição para a elaboração de uma perspectiva do país para a região. Por fim, é observada a crise da integração regional na política externa de Jair Bolsonaro e as suas ameaças à permanência da paz e à estabilidade das democracias na América do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: América do Sul; Política Externa Brasileira; Integração Regional; Maria Regina Soares de Lima.

ABSTRACT

The South American Politics Observatory was founded in 2003 at a unique juncture for the region and Brazil: the emergence of leftist governments and the consequent arrival of Luiz Inácio Lula da Silva as President of the Republic. After more than a decade of spread of neoliberal economic policies, the new ideological and political configuration not only ended the Washington Consensus, but also initiated a virtuous cycle of cooperation and integration to reduce the socioeconomic inequalities and poverty so characteristic of South America. The essay gives a brief history of the observatory, its foundation and development, and its contribution to shaping a country perspective for the region. Finally, it is observed the crisis of regional integration in Jair Bolsonaro's foreign policy and its threats to the permanence of peace and the stability of democracies in South America.

KEY-WORDS: South America; Brazilian Foreign Policy; Regional Integration; Maria Regina Soares de Lima.

Não pensem vocês nunca em sua Pátria como uma estrela isolada no espaço dona de sua lei e desentendida dos demais que é o céu inteiro. Pensem na Pátria própria e nas outras enlaçadas, tecidas dentro de uma grande tela que as mantém e pelo menos intervêm. Com modéstia e racionalidade, sintam-se parte dessa trama e acreditem que onde esse tecido se debilite, se rompa ou se queime, haverá perda para vocês mesmos³.

Gabriela Mistral⁴

O Observatório Político Sul-Americano (OPSA) foi fundado em 2003 em uma conjuntura singular para a região e para o Brasil: a emergência de governos de esquerda e a conseqüente chegada de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República. Após mais de uma década de disseminação de políticas econômicas neoliberais, a nova configuração política e ideológica não apenas pôs fim ao Consenso de Washington, mas também iniciou um virtuoso ciclo de cooperação e de integração para a redução das desigualdades socioeconômicas e da pobreza tão características da América do Sul.

Fundadora⁵ do OPSA, Maria Regina Soares de Lima, atuava como docente no Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (IRI-PUC-Rio) e no então Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ) - sucedido pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP-UERJ). Debruçada em temas relacionados à integração regional, especialmente no que diz respeito à política externa do Brasil para a América do Sul, a intelectual idealizou o observatório como um ambiente de diálogo com demais atores sociais e políticos para a elaboração de uma perspectiva do país para a região a partir da universidade.

³ Na versão original: "No piensen ustedes nunca en su patria como una estrella aislada en el espacio dueña de su ley y desentendida de los demás que es el cielo entero. Piensen en la Patria propia y a las otras entrabadas, tejidas, dentro de un gran lienzo que las sujeta y a lo menos las interviene. Con modestia y racionalidad, siéntanse parte de esa trama y crean que por donde este tejido se debilite, se rompa o se queime, habrá pérdida para ustedes mismos".

⁴ Primeiro Prêmio Nobel de Literatura (1945) destinado a escritora ou escritor da América Latina.

⁵ Com a colaboração de Marcelo Coutinho, à época doutorando em Ciência Política no UERJ e atualmente professor adjunto de relações internacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

São dois os pioneirismos atribuídos ao observatório. Em primeiro lugar, a coleta e a sistematização periódica dos acontecimentos políticos da América do Sul em um contexto em que os meios de comunicação realizavam cobertura esparsa de seus países e não havia nenhum outro centro de pesquisa na universidade destinado à região. As atividades do OPSA compreendiam, por exemplo, a realização de sínteses semanais e mensais dos principais acontecimentos e análises periódicas sobre a conjuntura social e política de cada país⁶. Em segundo lugar, a colaboração da universidade na cooperação regional em um cenário em que a América do Sul era uma prioridade para o Itamaraty e para o governo Lula. A cobertura contínua de questões regionais, como o conflito em torno do controle do gás na Bolívia em 2006 ou nas negociações sobre a Usina Hidrelétrica de Itaipu com o Paraguai em 2009, fez com que as suas pesquisas fossem de interesse dos formuladores da política externa brasileira. Pela relevância adquirida pelo OPSA, personalidades de grande importância no debate público da região colaboraram com as suas atividades, como Celso Amorim, então ministro das Relações Exteriores, Marco Aurélio Garcia, então assessor especial da Presidência da República para Assuntos Internacionais, e Constanza Moreira, senadora da República no Uruguai.

O OPSA foi pensado dentro de uma grande tela - como nos recomendava Gabriela Mistral - em que a sua principal trama era a integração regional e a elaboração de um olhar próprio sobre a região. Hoje sob a coordenação de duas pesquisadoras mulheres, com a entrada de Leticia Pinheiro, o observatório segue produzindo, sempre com um olhar crítico, análises sistemáticas sobre a América do Sul. Os tempos já são outros, mas a busca pela edificação de uma política externa que seja estratégica e insubordinada ao Norte Global e que promova desenvolvimento social e econômico do Brasil e dos nossos vizinhos segue sendo o seu horizonte.

⁶ Denominados por Análise de Conjuntura, Boletim, Estudos de Cenário, Eventos, Observador On-Line e Painéis, dentre outros.

“SI NOS TOCAN A UNO NOS TOCAN A TODOS”: BREVE HISTÓRIA DO OPSA

Em sua fase inicial, em um período de expansão do financiamento à pesquisa na universidade, o OPSA chegou a contar com uma equipe de mais de quinze pesquisadoras e pesquisadores, em sua maioria estudantes da pós-graduação no IUPERJ. Além de recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, o CNPq, e da Financiadora de Estudos e Projetos, a FINEP, o observatório também recebeu apoio financeiro da Organização Odebrecht e do próprio Itamaraty, por meio da Fundação Alexandre de Gusmão (Soares de Lima e Coutinho, 2017).

A dinâmica de trabalho destas e destes jovens estudantes era intensa: havia uma rotina diária e presencial de trabalho e a realização de reuniões semanais com o objetivo de definição dos temas a serem abordados em cada documento elaborado pelo observatório. Nesta época, o acesso à internet ainda era restrito, e estes encontros criaram um ambiente propício à formação de especialistas em América do Sul, como recorda Soares de Lima com os casos de Clayton Cunha Filho, atualmente no Departamento de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará, e de Fidel Pérez Flores, hoje no Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, expertos, respectivamente, em Bolívia e Venezuela.

O desenvolvimento do observatório ocorre concomitantemente à expansão das universidades públicas brasileiras, e integrantes de suas diversas épocas, hoje pesquisadores colaboradores do OPSA, são docentes em instituições ao redor do país. Este corpo de especialistas, inexistente pouco tempo atrás, vem formando novas gerações de sul-americanistas em várias localidades, contribuindo de forma definitiva para a expansão dos temas abordados pelas Ciências Sociais no Brasil.

Nos últimos anos, os recursos para o funcionamento do observatório foram sendo mais escassos, e o investimento em educação deixou de ser uma prioridade dos governos brasileiros. Com o objetivo de contornar esta situação,

em 2017 foi implementada a plataforma Latitude Sul, responsável por congregar quatro grupos de pesquisa para além do OPSA, o Grupo de Relações Internacionais e Sul-Global, o Laboratório de Análise Política Mundial e o Núcleo de Estudo Atores e Agendas de Política Externa⁷, sediado no IESP-UERJ.

A vocação, no entanto, permanece a mesma: realizar análises críticas sobre o lugar político, econômico e social do Sul global nas Relações Internacionais. Desde a sua criação, as atividades do OPSA abrangem, ao mesmo tempo, a política doméstica e a política externa dos países da região. O entendimento de que as duas agendas estão intrinsecamente vinculadas é base sólida das formulações teóricas e das análises empíricas de sua fundadora, Soares de Lima, e contribuição inestimável à Ciência Política e às Relações Internacionais no Brasil.

QUESTÕES E CONCEITOS FUNDAMENTAIS

A prioridade adquirida pela América do Sul na política externa e na discussão sobre política internacional no Brasil é fenômeno recente, de pouco mais de uma década e meia⁸. O país esteve historicamente de costas para a região: politicamente, a Europa e a América do Norte eram parceiros prioritários; academicamente, salvo raras exceções, a América do Sul não era objeto de análise. A região enquanto *conceito* não existia em nossa vida intelectual, social e política. Esta transformação ocorreu a partir de 2003, quando o Brasil passa a se reconhecer e a atuar enquanto Estado sul-americano. Com a elaboração e a implementação da chamada política externa “ativa e altiva”, liderada por Amorim, a integração regional passa a ser um dos principais projetos e eixos estratégicos da política externa brasileira. No entanto, sob este novo cenário, duas questões passaram a ter centralidade e foram objetos de disputa. A integração regional teria qual conteúdo ético?

⁷ Coordenados, respectivamente, por Enara Echart, Carlos Milani e Letícia Pinheiro.

⁸ Para referências pioneiras na referida temática, ver, por exemplo, a produção intelectual de Soares de Lima, Alexandre Fucille, Monica Hirst e Rafael Villa.

Quais seriam os eixos prioritários da integração? Foi justamente para intervir nas respostas a estas perguntas que o OPSA atuou desde a sua fundação aos dias atuais.

Como prioridade relativamente nova para o Itamaraty, os principais atores da burocracia da política externa brasileira perseguiram a promoção de uma inteligência nacional sobre a América do Sul. Ao mesmo tempo, empresas nacionais, sobretudo da área de construção civil, como a Odebrecht, viam relações de ganha-ganha no adensamento das relações comerciais (e econômicas) com a região. A universidade, por sua vez, observava com bons olhos a novíssima ocorrência de conhecimento científico a respeito da região, especialmente para a elaboração de um projeto de integração que priorizasse a cooperação, o desenvolvimento coletivo e a diminuição das assimetrias, materializados em organismos como o Fundo para a Convergência Estrutural do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), o FOCEM, criado com o objetivo de financiar projetos para as economias menos sólidas do subcontinente.

Sob este cenário, a decisão em analisar a região não foi uma escolha casuística, mas a percepção aguçada do papel estratégico que a América do Sul tem para o Brasil. Por exemplo, um melhor posicionamento brasileiro no cenário internacional, uma vez que o país tem maior margem para a negociação com o status de bloco econômico, como é o caso do MERCOSUL; mas também do desenvolvimento econômico com justiça social, destinado a compartilhar políticas exitosas para a diminuição das desigualdades e da pobreza, como a posterior criação do MERCOSUL Social e Participativo. Isto implicou na compreensão de que as relações do Brasil – um gigante regional - com os vizinhos não deveriam ser baseadas na espoliação ou na dependência, mas no diálogo e na promoção de soluções pacíficas para controvérsias vivenciadas na regionalmente; exemplo disto é a atuação regional para a solução mediada de crises como a dos Andes em 2008, entre Colômbia, Equador e Venezuela, e do separatismo na Bolívia em 2009.

A consolidação desta estratégia para a política externa requereu a colaboração da burocracia, da sociedade civil, do empresariado e de agentes econômicos, e de profunda discussão na universidade promovida, com centralidade, pelo OPSA, também possível pelos seus vários parceiros, como o diplomata Samuel Pinheiro Guimarães. De suas variadas participações, consta a participação de Soares de Lima na discussão no Congresso Nacional sobre o ingresso da Venezuela no MERCOSUL, em 2009, ou no processo de formulação política para a criação da União de Nações Sul-Americanas, a UNASUL, entre 2008 e 2010. Pela primeira vez na história do país, e ainda que de forma insuficiente, a formulação e a decisão sobre os rumos da política externa brasileira saíram dos corredores do Itamaraty e chegaram a outros espaços, como o ambiente acadêmico.

Tal projeto, há alguns anos em desaceleração, foi definitivamente interrompido em 2019. Entretanto, a democratização da política externa, baseada na ampliação e na diversificação de seus atores e de sua agenda, continua sendo uma pauta necessária no Brasil. Se estamos distantes de atingir quaisquer objetivos nesta direção, a produção e a circulação de conhecimento sobre a América do Sul pelo OPSA chama a atenção como um dos exemplos a serem seguidos – mesmo e especialmente em um contexto tão adverso como o atual.

A ASCENSÃO DE JAIR BOLSONARO: INTEGRAÇÃO REGIONAL EM CRISE

Quinze anos após a criação do OPSA, o cenário para a região é radicalmente diferente. O ciclo de expansão da criatividade e do experimentalismo político, marcado pela criação de laços de solidariedade com nossos vizinhos sul-americanos, chegou ao fim e foi substituído pelo retorno da relação prioritária com a Europa, mas especialmente com os Estados Unidos da América de Donald Trump. Este processo, iniciado com o “golpe parlamentar” (Santos, 2017) à Dilma Rousseff, atingiu o seu ápice com a

chegada de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Com a nomeação de Ernesto Araújo ao Ministério das Relações Exteriores o projeto de integração regional não está apenas abandonado, é sistematicamente combatido.

Sob este cenário, a América do Sul enquanto território prioritário de atuação deixa de existir, assim como há uma transformação radical nos objetivos da política externa brasileira, evidenciado nos atuais discursos e solenidades do Itamaraty. Como agravante, a diplomacia brasileira tem evitado o diálogo com a universidade sob o pretexto de que o conhecimento intelectual estaria vinculado a uma espécie de marxismo cultural a ser eliminado⁹. Ainda que com uma equipe menor, o OPSA continua existindo: a formação de uma inteligência especializada em questões da América do Sul e a influência na esfera pública por meio de pesquisas rigorosas e de diversas outras atividades realizadas pelo observatório são ainda mais essenciais.

A crise do regionalismo não é somente brasileira, e diversos outros países da América do Sul e do mundo atravessam situações que, se não semelhantes, possuem traços comuns à nossa conjuntura. Em nosso contexto, esta crise tem levado ao enfraquecimento de mecanismos de cooperação como a UNASUL e à criação de espaços cuja relevância ainda não foi atestada, como o Fórum para o Progresso e Desenvolvimento da América do Sul, o PROSUL. A este contexto, o OPSA tem estado atento, e a ampliação de suas agendas de pesquisa e do diálogo com outros núcleos de pesquisa, como a plataforma Latitude Sul, tem sido fundamental para a continuidade de suas elaborações sobre a política externa brasileira (Milani, Pinheiro e Soares de Lima, 2017)¹⁰.

No seminário em homenagem aos quinze anos do OPSA, em dezembro de 2018, Celso Amorim observou que o fato da América do Sul ser relativamente pacífica e estar distante de guerras é resultado de um enorme

⁹ Ver Ernesto Araújo Contra o Marxismo Cultural. Disponível em: <https://defesabr.com.br/news/ernesto-araujo-contr-o-marxismo-cultural>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

¹⁰ Recebeu o Prêmio Olavo Brasil de Lima Junior no 11º Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política em 2018.

esforço de construção de mecanismos de diálogo e mediação na última década e meia. Em suas palavras, “a paz é como o ar, você só sente falta quando a perde”, e o desmonte desta arquitetura, o estímulo à rivalidade e à violência como solução para o conflito social, dentre outros exemplos, estaria colocando em jogo a manutenção da estabilidade da região. Se um dia construimos teias de paz e cooperação entre as nossas pátrias, hoje vivenciamos o rompimento de sua tela – Gabriela Mistral já alertou sobre as consequências do enfraquecimento deste tecido.

A elaboração da América do Sul enquanto conceito e projeto social e político foi possível pela colaboração e pela sinergia de diversos atores sociais e políticos – inclusive acadêmico, o qual o OPSA é, provavelmente, o seu maior exemplo. Em entrevista realizada com a sua fundadora para este ensaio, ela nos diz que o observatório é, “hoje, ainda mais fundamental, não apenas como refúgio, mas como a resistência que precisamos para enfrentar esta conjuntura tão dramática”. Se a continuidade de um olhar sul-americano sobre a nossa região é um imperativo, os mais de quinze anos do Observatório Político Sul-Americano – e os outros outubros que esperamos vir – nos indicam alguns caminhos a seguir.

REFERÊNCIAS

- MILANI, Carlos, PINHEIRO, Letícia e SOARES DE LIMA, Maria Regina. (2017). “Brazil’s foreign policy and the “graduation dilemma””. *Internacional Affairs*, v. 93, p. 585-605.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. (2017). *A Democracia Impedida: o Brasil no Século XXI*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- SOARES DE LIMA, Maria Regina e COUTINHO, Marcelo (2007). *A agenda Sul-Americana: Mudanças e Desafios no Início do Século XXI*. Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão.
- SOARES DE LIMA, Maria Regina. (2019), Entrevista. Realizada em 06 de setembro de 2019.

FONTES

Observatório Político Sul-Americano

www.opsa.com.br

Plataforma Latitude Sul

www.latsul.org

Plataforma Lattes

www.lattes.cnpq.br